

Empréstimos linguísticos na língua portuguesa



Organizadoras da Coleção Linguagem & Linguística:

Angela Paiva Dionísio
Maria Auxiliadora Bezerra
Maria Angélica Furtado da Cunha

Parecerista Especialista:

Maria da Graça Costa Val (UFMG)
Maria Rita Diniz Zozzoli (UFAL)

Leitores Especialistas:

Bruno Alves Pereira (UFRN)
Edlene da Silva Oliveira (UFCG)
Elizabeth Maria da Silva (UFCG)
Fabio de Carvalho Araújo (UFRN)
Jenifer M. M. de Souza (UFPE)
Luciana de Santana Fernandes (UFPE)
Marília Cibelli dos Santos (UFPE)
Rosemberg de Nascimento (UFPE)
Ralline de Azevedo Travassos (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Nelly

Empréstimos linguísticos na língua portuguesa / Nelly Carvalho.
-- São Paulo : Cortez, 2009. -- (Coleção linguagem & linguística /
organizadoras Angela Paiva Dionísio, Maria Auxiliadora Bezerra,
Maria Angélica Furtado da Cunha)

Bibliografia.

ISBN 978-85-249-1478-2

1. Linguística 2. Português - Formação de palavras 3. Português
- Gramática 4. Português - Lexicologia 5. Português - Morfologia I.
Dionísio, Angela Paiva. II. Bezerra, Maria Auxiliadora. III. Cunha,
Maria Angélica Furtado da. IV. Título. V. Série.

09-00816

CDD-469.014

Índices para catálogo sistemático:

1. Lexicologia : Português : Linguística 469.014
2. Português : Lexicologia : Linguística 469.014

Nelly Carvalho

Empréstimos linguísticos na língua portuguesa

EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA
Nelly Carvalho

Capa: aeroestúdio

Revisão: Maria de Lourdes de Almeida

Composição: Dany Editora Ltda.

Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa da autora, dos organizadores e do editor.

© 2009 by Autora

Direitos para esta edição

CORTEZ EDITORA

R. Monte Alegre, 1074 — Perdizes

05014-001 — São Paulo - SP

tel. (11) 3864 0111 Fax: (11) 3864 4290

e-mail: cortez@cortezeditora.com.br

www.cortezeditora.com.br

Impresso no Brasil — fevereiro de 2009

Sumário

Apresentação.....	7
Introduzindo o tema.....	11
Capítulo 1 Acervo lexical	19
Capítulo 2 Tipologia dos empréstimos	45
Capítulo 3 Campos de aplicação	71
Considerações finais	83
Questões para debate	87
Lendo mais sobre o assunto	91
Referências.....	93
Índice remissivo	95

Apresentação

Percorrendo o caminho das palavras

*Ieda Maria Alves**

*Maria Auxiliadora Bezerra***

O léxico de todas as línguas se renova. As novas palavras, os neologismos, podem ser criados com elementos da

* **Ieda Maria Alves** possui doutorado em Linguistique, Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle), atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo, membro do conselho editorial da *Alfa* — Revista de Linguística, membro do conselho editorial do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, membro da Dictionary Society of North America, membro da European Association of Lexicography, membro da Rede Ibero-Americana de Terminologia (RITerm), membro da Associação Brasileira de Linguística, membro colaborador da Rede Realiter e membro da Société de Linguistique Romane. Tem experiência na área de Letras, com ênfase nos estudos do léxico, atuando principalmente nos seguintes temas: neologia, neologismo, lexicologia, lexicografia e terminologia.

** **Maria Auxiliadora Bezerra**, doutora em Linguística pela Universidade de Toulouse-le Mirail (França), é professora da Universidade Federal de Campina Grande (Paraíba), atua na área de Linguística Aplicada, mais especificamente, ensino de língua materna, livro didático e formação do professor de português. É professora do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da UFCG, e membro de várias associações científicas relativas à linguagem. É autora de vários trabalhos, dentre os quais “A escrita em contexto de formação continuada: objeto a aprender e

própria língua, formando derivados e compostos, sobretudo, ou com elementos oriundos de outros idiomas, denominados empréstimos.

Os empréstimos introduzem-se de diferentes formas em uma língua. Alguns resultam de um contato entre populações que passam a conviver em um mesmo território (empréstimos árabes decorrentes do convívio da população autóctone com povos árabes na Península Ibérica, por exemplo). Outros são decorrentes do predomínio cultural de um país ou de uma região durante uma certa época, a exemplo dos italianismos que penetraram no português durante o Renascimento. Outros, ainda, são resultantes do poder econômico de uma nação, que, em função desse poder, consegue um grande desenvolvimento científico e tecnológico, divulgando assim sua língua. É o caso do inglês americano, contemporaneamente.

Sendo essa influência lexical um fato intrínseco a todas as línguas, podemos, através de estudo, recuperar o caminho feito pelas palavras até chegarem a uma outra língua e nela se estabelecerem. Isso foi o que Nelly Carvalho fez, apoiando-se na Linguística e na Lexicologia, ao observar os processos pelos quais o léxico da língua portuguesa se amplia.

E, para iniciar, apresentou uma fábula moderna, bem-humorada, sobre a discussão das palavras que seriam ou

objeto a ensinar”, no livro *Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de professores*, organizado por Inês Signorini (2007); “Gramática e dicionário”, em co-autoria com Luiz F. Dias, no livro *A palavra e a frase*, organizado por Eduardo Guimarães e Mônica Zoppi-Fontana (2006); “Concepções de ensino de língua escrita em curso de formação continuada”, publicado na Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos, em 2005, *Livro didático de português: múltiplos olhares* (Lucerna, 2001) em co-autoria com Angela Paiva Dionísio, e *Estudar vocabulário: como e para quê?*, de 2004.

não vernaculares. Caso não o fossem, poderiam até receber o título de “vernaculania”, tornando-se então “cidadãs brasileiras”. Em seguida, Carvalho vai discorrendo sobre o assunto e informa as etapas pelas quais o empréstimo linguístico passa: a palavra estrangeira da língua A chega à língua B como estrangeirismo e, somente após adaptações fonético-fonológicas, morfológicas e/ou ortográficas, passa a ser empréstimo.

Embora apresente uma classificação de empréstimos e a origem de inúmeras palavras do português, a autora não negligencia o aspecto político-ideológico que subjaz a cada empréstimo: ao importar as palavras, está-se importando também o objeto, a ideia, o modo de vida de uma nação e isso gera mais dependência (econômica, cultural, tecnológica) para quem importa.

Ainda é feita referência, na seção “Desdobramento do tema”, a movimentos pela preservação da língua, tentando-se impedir o uso de palavras estrangeiras, quando há uma equivalente em português.

Empréstimos linguísticos revela a face histórica do empréstimo na língua portuguesa, mostrando como o idioma recebeu elementos das línguas faladas pelos vários povos — celtas, germânicos, árabes, dentre outros — que passaram pela Península Ibérica. Apresenta os diferentes campos de aplicação desse fato linguístico, que se revela especialmente no léxico, mas também é observado na fonologia, na morfologia e na sintaxe. Destaca como os empréstimos podem ser denotativos ou conotativos, de acordo com as diferentes funções ou intenções com que são empregados.

A obra também enfatiza o emprego do empréstimo lexical — inglês americano, especialmente — no âmbito das linguagens das ciências e das técnicas, mostrando que a transferência de tecnologia impõe, não raro, uma consequente transferência de terminologia.

Escrita numa linguagem técnica, mas acessível, a obra desperta o interesse de iniciados ou não na temática. É, por isso, uma obra referencial no que concerne ao empréstimo linguístico, altamente recomendada para estudantes de Letras, professores, pesquisadores e demais estudiosos da língua portuguesa.

Introduzindo o tema

A história do vocábulo é a história de cultura e estrutura;

Ambos aspectos deverão ser descritos propriamente em relação um com o outro, como as duas faces de uma moeda.

Helmut Lüdtke

Os contos, as parábolas, as fábulas, as lendas, recolhendo narrativas populares, relatam de forma simples as linhas gerais do comportamento humano nos seus aspectos sociais, psicológicos e até mesmo linguísticos. Foi através de pesquisas linguísticas, graças ao interesse pela gramática histórica, que os irmãos Grimm recolheram as narrativas populares — os contos de fadas — e tornaram-se os grandes divulgadores das lendas europeias. A divulgação destas lendas, ensejando o seu posterior estudo, permitiu que se descobrisse serem elas forma de representar os arquétipos humanos. Ao lado dos Grimm, Andersen e Perrault prestaram idêntico serviço. Além do mais, também as fábulas — que o digam Esopo, Fedro e La Fontaine — contêm condensadas em pílulas, as verdades humanas. O próprio Jesus Cristo,

com suas parábolas, utilizou este recurso, visando uma compreensão mais rápida de sua mensagem.

Por isso, para estudarmos o caso dos *empréstimos*, iniciaremos com uma fábula. Só que a fábula é moderna, escrita por uma linguista, Adair Pimentel Palácio. “A revolta das palavras” é a fábula que vai introduzir-nos no tema a estudar.

Língua Portuguesa convocou todas as palavras para uma assembleia geral. O motivo foi o veemente apelo que lhe fizeram alguns de seus súditos mais fiéis que se vangloriavam de conhecê-la por dentro e por fora.

Ela ia passando faceira em seu gingado natural, engordando uns quilinhos aqui, ao ingerir palavrinhas novas, e emagrecendo acolá como sói acontecer às línguas, que, sendo gulosas por natureza, alimentam-se de gregos e troianos. Mas os súditos fiéis interromperam sua marcha normal para reclamar a deformação que vinha sofrendo sua bela figura, causada, principalmente, por estrangeirismos abomináveis. A “mui fremosa senhora”, que muito vaidosa concordou com a ideia.

O planejamento do conclave ficou a cargo dos seus ministros: os Advérbios de Tempo, Modo e Lugar. Lugar determinou que a reunião realizar-se-ia na mansão verde-amarelo, por ser a maior de suas casas, e assim, poder acomodar todo mundo. Advérbio de Tempo determinou que a assembleia seria agora. Como Advérbio de Modo, que muito mente, disse que estava doente, a forma do conclave ficou meio indefinida.

Houve convocação compulsória para os formadores da estrutura gramatical como os Artigos, as Preposições, as Conjunções, as Flexões, os Verbos Auxiliares e outros, todos soldadinhos pequeninhos, mas de tal eficiência que se constituem na guarda de sua majestade.

As Flexões, como se sabe, por serem sufixos, só têm um braço, o esquerdo. As Interjeições, coitadas, formam uma classe marginalizada. Ficou determinado que elas se encarregariam dos *ohs* e *ahs* durante a sessão.

As demais palavras foram convidadas, mas não estavam obrigadas a comparecer. Assim, os Arcaísmos decidiram não ir por serem muito velhos.

No momento fixado foram chegando convocados e convidados.

Os Prefixos Gregos e Latinos, todos manetas, chegaram vestidos a caráter. Os Gregos com túnicas brancas e leves, um ombro descoberto, usavam sandálias com tiras cruzadas nas pernas. Os Latinos, muito romanos, usavam braceletes no braço que lhes restava, o direito, e à cabeça traziam coroas de louros. Eles tinham o ar de superioridade que só o poder consente.

Como são altivos esses Prefixos — todos metidos a besta e muito unissex. *Tele* mantinha um ar distante. O *A* grego tudo negava e o latino ora aproximava-se, ora afastava-se e, às vezes, também negava. *Anti* e *Ante* chegaram juntos, este último precedendo o primeiro, que, como o *A* grego, acima descrito, também é de oposição.

No momento certo, todos tomaram seus lugares. A tribuna de honra fora reservada para a nobreza. Latinos e Gregos ocuparam-na.

As palavras de origem latina constituíam a maior parte do plenário. As eruditas sentaram-se logo à frente; depois sentaram-se as populares. Em seguida sentaram-se as multinacionais: empréstimos franceses, muito perfumados por Dior; ingleses, usando sua melhor gabardina; italianos, quase todos muito musicais; e alemães, todos muito marciais. Os africanos de diversas regiões cheiravam a comida gostosa e coloriam o plenário com símbolos religiosos. Eu quase esquecia de dizer que, a um canto, estavam Açúcar, Alcatifa e outros árabes de turbante, alguns dos quais representantes da OPEP.

Lá em cima, na galeria, instalaram-se os neologismos, as siglas, as abreviações famosas. Nos corredores e escadas, sentadas pelo chão, estavam as gírias, bem *hippies*, mal comportadas como elas só — assobiando, conversando, mascarando chicletes, fumando e botando cinza no chão.

Finalmente, foi aberta a sessão. Como Língua Portuguesa não havia tido a devida assessoria de seu ministro, Advérbio de Modo, não sabia bem como encaminhar os trabalhos. Um pouco titubeante, ela começou solicitando que quem não fosse completamente brasileiro se retirasse. Foi um alvoroço. Levantou-se todo mundo. Só ficaram sentadas meia dúzia de palavras que, embora nuas, estavam revestidas de muita brasilidade. Eram as de origem indígena. *Jacaré cutucou jaguar* e ambos riram da mancada da bela senhora.

Percebendo a sua precipitação, Língua Portuguesa pigarreou, pediu ordem no plenário e reformulou suas palavras, convocando a retirarem-se as palavras que não fossem legitimamente vernáculos.

Novamente deu confusão pela profusão de elementos que se levantaram, uns conformados, outros protestando

veementemente. Alguns até alegaram pertencer à terceira ou quarta geração de aportuguesados e ter compatriotas com muito *status*, ocupando altos cargos governamentais e políticos e com poder econômico incontestável.

Língua Portuguesa pensou: “assim não dá”, e resolveu pedir que se apresentassem uma a uma as palavras estrangeiras para contar sua história. Assim, ela teria condições de julgar.

A primeira a apresentar-se foi Xícara, que disse ser uma *nauatl* pura, mas não sabia bem se do México ou da América Central (palavras não conhecem fronteiras). Disse que vivia bem em seu rincão natal, quando um espanhol dela usou e abusou. O mesmo fizeram muitos de seus companheiros que por ela se apaixonaram. Então, ela saiu de casa para viver com os espanhóis. Mas esses latinos volúveis logo se cansaram de sua beleza. Como estava longe de casa, ela entrou pela porta do Brasil, onde foi muito bem recebida, e assim foi ficando por aqui. Lembrou até que causou confusão na Academia Brasileira de Letras, quando discutiram sua grafia X ou CH. Então ela disse:

*Andei, virei, mexi e parei aqui
Sou tão vernácula quanto você
— sou um símbolo nacional.
Quem me rejeitar
Xicrinha de café não vai tomar.*

Língua Portuguesa ficou perplexa. Não se havia dado conta de tão grande verdade. Concedeu imediatamente vernaculania à palavra. A aclamação foi geral.

Quem sabe, talvez devêssemos tomar café em xícara com Ch... Aí... Futebol, sempre com a bola no pé, deu com *foot* na *ball* e pediu a palavra. Levantou-se muito inglês, posado, com respaldo do Banco de Londres e da rainha, e com a aquiescência da seleção, reivindicando que já tinha grafia própria. Que mais lhe faltava? Disse que se fosse banido não mais faria jogo no Brasil.

*A gleba de pentacampeões explodiu.
Nesse momento, Ludopédio interveio:
“Vieste de longe, Oh Inglês,
Usurpar o meu lugar
Tal qual fizeste às Malvinas
E eu, como é que vou ficar?*

Língua Portuguesa, perdendo a postura e a compostura, quase perdeu também o rebolado. Ficou nervosa, em menos de um momento, concedeu vernaculania à palavra.

O triunfo desses itens lexicais estimulou outros tantos. Piano levantou-se liderando seus compatriotas, alguns bem famosos como Chau e Pizza, e reivindicou para os italianos o direito à vernaculania.

O tumulto que se seguiu foi geral. Saionara, Sputnik, Garçom e muitas outras palavras, cada qual liderando um contingente de compatriotas, gritavam por greve.

Língua Portuguesa ficou atordoada. Viu-se diante de uma guerra sonora tão calamitosa que, se não fosse controlada rapidamente, desencadearia uma mudez continental.

Muito doidona, enfurecida pela pressão dos súditos fiéis e vencida pelos argumentos incontestáveis dos componentes

do seu próprio corpo, nomeou a Linguística por interven-tora. Esta, embora sob protestos, deu fim à baderna. Pôs os pontos nos iii, explicando à mui formosa senhora toda a complexidade de sua estrutura. Ela compreendeu. Sorriu, deu de ombros e, assumindo a sua própria natureza, dissolveu a assembleia. Os súditos mais fiéis ficaram a ver navios e a Língua evoluiu, entrando por uma perna de pinto e saindo por uma perna de pato...

A fábula acima serve para evidenciar que os empréstimos linguísticos são tão antigos quanto a história da língua, ou melhor, quanto a própria língua. Eles marcam as influências que uma determinada língua, veículo de uma cultura, sofreu através dos tempos, pelos elementos linguísticos estrangeiros que adotou, retrato dos elementos culturais diversos, que também importou.

A história nos ensina que os povos ao assimilarem a língua de outro, tornam-se facilmente manipuláveis, acabando por perder sua identidade, sua independência e, com ela, sua liberdade (Houaiss, 1991). Mas o fato não está unicamente ligado à língua: é um problema de poderio econômico, político e até militar, de dominação de uma cultura ou de um povo sobre os demais, como foi o caso do latim com as línguas germânicas que desapareceram na România.

As linhas gerais do empréstimo linguístico foram aqui delineadas, ressaltando-se a imbricação profunda do linguístico no sociocultural. Iniciamos agora o estudo mais aprofundado do empréstimo no seu aspecto linguístico.

Capítulo 1

Acervo Lexical

Léxico (do grego *lexicon*), em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua. Sendo a menos sistemática das estruturas linguísticas, o léxico depende, em grande parte, da realidade exterior, não linguística. É ainda um conjunto virtual, onde se pode identificar como unidade básica o morfema, ou unidade significativa mínima.

É necessário estabelecer uma distinção entre os morfemas lexicais ou *lexemas* e morfemas gramaticais ou *gramemas*. Numa palavra como, por exemplo, *encant / a / mento*, distingue-se a raiz verbal (lexema), *encant-*, o tema ou vogal temática (gramema) *-a*, e um sufixo de estado (gramema) *-mento*.

As classes de morfemas, quanto mais ricas, mais abertas e quanto mais limitadas, mais fechadas. Os morfemas gramaticais são em número limitado; os morfemas lexicais estão em permanente renovação, sem prejuízo da intercomunicação dos falantes, o que não acontece com os primeiros. A frase: *Era briluz, as lesmolisas touvas/roldavam e relviam*

nos gramílvos, só pode ser compreendida porque os morfemas gramaticais são os da língua portuguesa, já conhecidos, embora os morfemas lexicais sejam desconhecidos.

Para Martinet (1964), o léxico é o conjunto de morfemas lexicais e para Ulmman (1964) é apenas um conjunto de palavras lexicais. De um modo geral, os linguistas fazem oposição entre léxico e gramática como unidades significativas e regras combinatórias, respectivamente.

Segundo Crystal (1985), o léxico pode ser usado em oposição à gramática: o léxico compreenderia os termos e a gramática, as regras de uso.

Nessa perspectiva, Crystal propõe a distinção entre palavras gramaticais e palavras lexicais. A primeira designação refere-se a palavras cuja única função é assimilar as relações gramaticais (artigos, preposições, conjunções). A última refere-se a palavras de forte conteúdo semântico prévio, representando o mundo das coisas extralinguísticas. Caracteriza-se a palavra lexical como *lexema*, *semantema* ou ainda *semema* (provido de um significado), opondo-se ao morfema.

O acervo lexical de uma língua é constituído, pois, por um conjunto de *lexemas*. É nele que se observam as mudanças na língua, as influências e as modificações. Os morfemas gramaticais são os mais conservadores.

Para uma compreensão mais exata poder-se-ia explicar que o léxico é uma parte do conjunto da língua, da mesma forma que o sistema fonológico, a flexão, a construção da frase e os processos de formação de palavras.

Sincronia e diacronia

A gênese do léxico de uma língua, para ser percebida em toda a sua extensão, não pode ser estudada por uma visão sincrônica da linguagem. É necessária uma visão diacrônica, para identificar-se a criação dos termos vernáculos e a adoção dos estrangeirismos. Saussure (1977) considerava que a língua deve ser estudada tendo em vista a sincronia e a diacronia.

Por sincronia, entende-se a observação da língua como se encontra em uma época determinada. Por diacronia, entende-se a observação histórica da língua na sua permanente elaboração e mudança. Em todo estado da língua, há algo de diacrônico.

Quando o falante nativo usa a língua, ele percebe os *arcaísmos*, termos que estão ficando ultrapassados, e os *neologismos*, elementos de criação recente, além dos *estrangeirismos*, palavras de uma língua estrangeira que começam a ser adotadas.

As mudanças políticas e culturais não causaram, nem causam transformações imediatas no sistema lexical. Todas as mudanças no léxico resultam da *fala*, ou seja, do uso da língua — através da fala se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas. Como exemplo, em português as formas de despedir-se eram *adeus*, *até logo*, *até mais*. A forma italiana *ciao* (termo advindo do veneziano — *schiaivo* — “um escravo às suas ordens”), cumprimento de chegada e saída na língua de partida, tornou-se na língua de chegada, a nossa, uma nova forma de despedir-se. Temos agora como forma *chau* = *adeus*.

A mudança linguística em todas as áreas — inclusive no léxico — é algo que pertence à própria essência da língua.

O acervo lexical da língua portuguesa é formado a partir do latim popular, como era conhecido. Sua base lexical são as palavras que sofreram transformações no *romance lusitano*. São essas palavras, assim modificadas, que constituem o padrão fonético e morfológico do português.

O *sermo vulgaris* ou latim popular prevaleceu sobre o latim clássico ou culto, *sermo urbanus*, em toda a Península Ibérica. Por isso, a língua portuguesa não se originou daquela escrita por Virgílio e Cícero, mas de sua modalidade popular. Palavras do latim popular como *bucca*, *caballus*, *apicula* substituíram *os*, *equus*, *apis*, do latim clássico, entrando no léxico português como *boca*, *cavalo* e *abelha*.

Estas matrizes do latim clássico formaram derivados eruditos como *oral*, *equino*, *apicultor*. Assim, contribuiu também o latim clássico para o acervo lexical português, em nível mais elaborado.

O núcleo lexical inicial, o vocabulário básico, foi adotado pelos lusitanos, aprendido diretamente dos colonizadores e submetido ao tratamento fonético para a adaptação aos hábitos da fala da região. Porém, este pequeno vocabulário básico, com o passar do tempo e a complexificação da cultura, passou a não dar conta dos novos elementos. Para tanto, conforme o já exemplificado, buscaram-se palavras no latim culto ou clássico que não sofreram o mesmo tratamento fonético anterior, porque foram introduzidas na forma escrita, para fins cultos, literários ou religiosos. Desta forma, *ígneo* (do latim *ignis* — fogo), *silêncio* (do latim *silentium*), *cogitar* (do latim *cogitare*) são bem próximas do modelo latino. Estas

palavras foram adaptadas ligeiras e artificiais para enquadramento na língua portuguesa. Algumas já tinham entrado na primeira fase da língua, o *proto-português*, e passaram por transformações, de modo que de uma única palavra temos duas formas — popular e erudita:

Oculus { Olhos
Óculos

Plenu { Cheio
Pleno

Clave { Chave
Clave

A isto chamamos de formas divergentes.

Só o fato de um vocábulo português ser um empréstimo antigo de outra língua românica explica o tratamento excepcional dos fonemas em face dos fonemas latinos.

É uma das causas das formas divergentes, pois, entrando primeiro pelo latim popular, o mesmo termo é retomado em nova forma, por influência de outra língua latina, como por exemplo:

Caput { Cabo (forma popular)
Chefe (*chef* — francês)

Plano { Chão (forma popular)
Ihano (*llano* — espanhol)
Piano (*piano* — italiano)

Os termos provenientes do latim clássico são eruditismos ou cultismos. Diferem daqueles vocábulos ou expressões latinas que, introduzidos posteriormente, são ainda hoje usados em sua forma original: *mapa-mundi*, *sine die*, *curriculum vitae*. Mas nem só do acervo latino se valeu a língua portuguesa. No seu *corpus* lexical podemos observar que existem:

- elementos aloglóticos pré-romanos e pós-romanos, introduzidos na fase de formação da língua;
- elementos aloglóticos das modernas línguas europeias, latinas e não-latinas;
- elementos de línguas extraeuropeias, resultado dos descobrimentos.

Elementos pré e pós-romanos

Entre os elementos pré-romanos — o *substrato* (língua primeira de um grupo de falantes que a substitui por outra) — temos os ibéricos e celtas, com termos como *balsa*, *man-teiga*, *arroio*, e até mesmo alguns desta língua estranha de origem tão desconhecida: o basco. Entre eles *esquerdo*, *bezer-ro*, *cachorro* e *zorra* — bem familiares para os brasileiros.

Os elementos pós-romanos são de origem germânica e árabe. O *superstrato* (língua do povo conquistador, abandonada em favor da língua do povo conquistado, permanecendo, contudo, alguns traços) é constituído de elementos germânicos (visigodos, suevos e álamos). Referem-se a objetos e costumes de guerra: *luva*, *elmo*, *roubar*, *guerra*. De origem germânica são

numerosos substantivos, adjetivos e verbos que apresentam como particularidade fonética a transformação do *w* (inicial) em *gu* — *guerra* (*werra*), *guisa* (*wise*). São de origem germânica os nomes dos pontos cardeais: *Norte*, *Sul*, *Leste*, *Oeste*.

O *adstrato* (língua falada em uma área, por um povo que mantém sua língua materna, recebendo influência de outras em situação de contato, sendo fonte permanente de empréstimos lexicais) é constituído pelos termos adotados durante a longa invasão árabe na Península. Como o árabe tinha conhecimentos ainda não adquiridos pelos peninsulares, os termos indicam ciências e técnicas introduzidas (*álgebra*, *xarope*, *zero*, *chafariz*, *álcool*), além de objetos, ofícios, alimentos e costumes aprendidos e adotados (*alfaia-te*, *alfinete*, *arraiz*, *alface*, *bairro*, *aldeia*). A maioria começa com *al*, artigo árabe entendido como fazendo parte do termo: *al* + *zait* = azeite; *al* + *açauc* = açougue; *al* + *ruz* = arroz; *al* + '*çud* = açude.

Elementos de línguas latinas

Os elementos importados de outras línguas europeias foram introduzidos a partir da Idade Média, oriundos das demais línguas latinas, também em formação na época. Galicismos medievais, influência da França na nascente nação portuguesa, foram uma constante. Eles vieram tanto da *langue d'oui* do norte francês propriamente dito — como da *langue d'oc* — do sul provençal. A França, como precursora na oficialização do idioma próprio, com seu documento escrito no ano de 842, teve enorme influência na fase de formação das línguas peninsulares.

São galicismos desta primeira época: *jogral, trovador, linhagem, viagem* — por influência da poesia trovadoresca de origem provençal. A corte portuguesa, de origem francesa (dinastia de Borgonha), divulgava a língua dos ancestrais nas terras portuguesas. Também a ortografia revela a influência provençal. Em 1255 o rei de Portugal, D. Afonso III, impõe as grafias *nh* e *lh* como representação para as palatais, solução provençal para o *n* e *l* palatais.

Passada a época medieval, nos séculos seguintes, a França continuou sendo o modelo cultural para toda a Europa e sua influência se fez sentir no vocabulário: *dama, chanceler, joia, blusa, envelope, chaminé, maré*. Adaptadas à língua portuguesa, elas ampliaram o idioma, nomeando formas novas na vida da comunidade.

Os espanholismos nem sempre são identificáveis. A semelhança entre as duas línguas na morfologia e na época de formação, além da permanente vizinhança e intercâmbio aquém e além mar, tornam imprecisos os limites entre ambas. Em todas as épocas houve a influência linguística, identificada em algumas formas: *lhano, fandango, tango, hediondo, velar, novilho, castanhola, bobo, salero, airoso*.

Os portugueses tiveram como mestres de navegação, no Mediterrâneo, os italianos. Daí termos como *piloto, prova, escolha, amainar* — ligados à navegação — serem de origem italiana. Porém a grande influência do italiano foi na arte: na Poesia — *soneto, terceto*; na Música — *alegro, andante, sonata*; na Arquitetura — *mezanino, pedestal, pilastra*; no Teatro — *colombina, arlequim, vedeta, favorito*; nas Artes pictóricas — *caricatura, azul ticiano*.

Mais recentemente, a influência é grande no campo lexical da culinária: *nhoque*, *macarrão*, *talharim*, *risoto*, *lasanha*, *mortadela*, *ricota*.

As demais línguas latinas, o galego, o romeno e outras menos conhecidas, como o rético e o sardo, não apresentam influências na língua portuguesa. O galego é um caso à parte: na origem houve uma única língua — o galego-português — que se bifurcou no momento da independência política, continuando muito próximas nos seus falares populares, embora mais distantes na norma culta. Digno de nota é o termo galego *sarau*, que teve alta frequência de uso e correspondência ao português *serão*.

Elementos de línguas europeias não-latinas

Estes são frequentes no *corpus* lexical da língua portuguesa pelo intercâmbio cultural e político, pela proximidade e dominação. Do alemão moderno, a língua portuguesa recebeu uma pequena influência: *quartzo*, *gnaisse*, *colbato*, *hinterlândia*, *kaiser*, versão alemã de César; do holandês, *quermesse*. Da Escandinávia vieram *níquel*, *fiorde* e *sauna*; recente é *spa*, do flamengo belga (estação termal). Russos são *czar* (versão de César), *samovar*, *estrogonofe*, *inteligentsia*. Da Hungria, vieram as *xardas* (tipo de música); da Polônia, as *polcas*; da Escócia, o nordestino *xote*.

As grandes contribuições das línguas europeias vêm do inglês: são os anglicismos. A princípio, estas contribuições vieram diretamente da Inglaterra pela tutela política que esta exercia sobre Portugal. Desta época datam *bife*, *rosbife*,

lanche, vagão, pudim, túnel, rum, esportes. Todas estas foram adaptadas para integrarem-se à língua portuguesa e não se percebe mais traços de origem anglófona. Quando o centro do poder político deslocou-se do Ocidente da Europa para a América, da Inglaterra para os Estados Unidos, os anglicismos passaram a ter origem no inglês americano. São, entre outros: *pen drive, CD-rom, skate, outsider, design, fashion, iPod, light, diet*.

Alguns destes anglicismos, vindos dos Estados Unidos, muitas vezes entram na norma brasileira sem que a norma portuguesa os adote. Isso porque a influência do “grande irmão do norte” é muito maior no Brasil do que em Portugal. Palavras como *gay, stand* e *stress*, com amplo uso no português do Brasil, não encontram acolhida no português de Portugal.

Nesta ordem de palavras não-latinas estariam os helemismos, termos gregos que vieram quase todos através do latim por três correntes: eclesiástica, filosófica e científica. Entre os dois primeiros estão *anjo, bispo, encíclica, filosofia, metafísica* e, entre os segundos, *fonemas, caligrafia, telefone*. Este segundo tipo de formação, a partir do grego, continua extremamente produtivo nas várias terminologias técnico-científicas das línguas modernas.

Elementos de línguas não-europeias

O hebraico, apesar de não ser uma língua europeia, também contribui com um bom contingente de termos para a língua portuguesa na sua fase de formação. Não foram empréstimos buscados distante, mas vindos através do latim,

“internacionalizados pelo cristianismo”: *Jeová, Maria, Jacó, sábado, Páscoa, geena, amém, aleluia, messias, satanás, querubim e Serafim*.

Os demais empréstimos não-europeus entraram na língua portuguesa na Época dos Descobrimentos, pelos contatos com os povos asiáticos, africanos e americanos, e pela descoberta de realidades desconhecidas e sem formas de nomeação no léxico português já existente. Através do português e do espanhol (seu companheiro de aventuras) muitas dessas palavras entraram para o léxico das demais línguas europeias.

Da Ásia vieram, entre outras, *nanquim, chávena, chá, tufão* (chinês), *biombo, bonzo, gueixa* (japonês), *bule, junco, orangotango, sarongue* (malaio), *manga, jaca, canja* (malaiala), *aljôfar, limão, cachimbo, dervixe* (persa), *cáqui* (cor de poeira ou lama das fardas das tropas coloniais inglesas na Índia).

Da África, são representativos: *banana, zebra, cacimba, batuque, girafa, moleque, mocambo e molambo*.

Da América espanhola, elementos das línguas pré-colombianas vieram por meio do espanhol: *chocolate, xícara, lhama, cacau, tomate, canoa, condor*. Da América portuguesa (Brasil) foram numerosos para denominar as particularidades da fauna e da flora: *ananás, amendoim, jaguatirica, arara*. Frequentemente foram as adoções dos topônimos, dos prenomes e gentílicos: *Pernambuco, Itamaracá, Jaci, Peri, Japiaçu, Ajuricaba, xará* (que significa “meu nome”).

No português do Brasil, foi grande a influência dos substratos indígenas e dos falares africanos, justamente do campo

lexical, pelas necessidades surgidas. Enriqueceu-se assim a língua portuguesa de uma gama considerável de termos não-encontráveis no português de Portugal. *Camundongo*, *angu*, *xangô*, *berimbau*, *dendê*, *senzala*, *macumba*, *tutu* — são designações africanas para realidades introduzidas pelo escravo. *Abacaxi*, *pororoca*, *curió*, *carnaúba*, *açu*, *mirim*, *mandioca*, *cotia* estão entre as denominações da língua indígena já encontradas pelos colonizadores e por eles adotadas.

Padrão morfológico português

Em linhas gerais, descrevemos a história do léxico da língua portuguesa. Como vemos, a verdade está com a fábula: das palavras que usamos nas conversações mais simples, muitas nos vieram de idiomas diversos, por vezes exóticos, e não se percebe esta “cidadania” estrangeira. Quando dizemos: “Quer tomar uma *canja*?”, “Gosta de *manga*?”, “A competição é na categoria *mirim*”, “Um *moleque* caiu na *cacimba*” ou “Escrever a *nanquim* é chique”, não nos damos conta de que estamos fazendo empréstimos de outra língua. Por quê? Porque a língua não é apenas léxico — palavras —, a língua é estrutura fraseológica (modelo de frase) e também fonológica e morfológica (modelo de palavra). A estrutura fraseológica ou sintática utiliza as regras gramaticais para formar a frase, de acordo com o padrão frasal da língua.

Os empréstimos, para serem reconhecidos como termos da língua portuguesa, adotam esses padrões criados pelos termos populares, quanto ao sistema fonológico, quanto à tipologia silábica e quanto à estrutura morfológica. O acervo

lexical herdado do latim divide-se, quanto à origem fonética, em termos do latim popular e termos eruditos, esses últimos, de entrada posterior e artificial.

Os primeiros foram os que se tornaram modelo de tipologia da língua portuguesa, isto é, que forneceram a estrutura lexical em que se baseia um falante para reconhecer aquela palavra, como pertencente a sua língua. Todas as palavras, que passaram e que passam continuamente a fazer parte de nosso acervo lexical, adaptam-se a este padrão, nem que seja apenas foneticamente.

O termo *stress* (inglês), que entrou recentemente na língua, tomou a forma *estresse* porque o padrão da língua portuguesa não admite a formação com o S inicial, desacompanhado de vogal. Temos do latim, *status*, dando *estado*. Isto acontece com palavras oriundas de qualquer outra língua, sejam elas de estrutura semelhante ao português ou de estrutura bem diferenciada (como no caso de línguas orientais). Todas com uma nova roupagem para se adaptarem aos nossos padrões morfológicos e fonológicos: *rosbife*, *sushi*, *evasê*, *taieur*, *chau*, *aiatolá*, *saquê*. Da comparação entre os termos populares portugueses e seus correspondentes originários latinos podemos deduzir as linhas gerais destes padrões da língua portuguesa. Os termos eruditos, apesar de adaptados, conservam muito do padrão latino.

O falante da língua portuguesa tem uma sensibilidade ou intuição para considerar como marca de gênero feminino a terminação *-a*, do gênero masculino a terminação *-o* e como marca do plural a terminação *-s*. Além do mais, todo verbo que entra na língua toma como paradigma a primeira con-

jugação: *Snob* — *esnobe* — *esnobar*. Assim segue: *To delecte* — *deletar*/ *To check* — *checar*/ *To drink* — *drincar*.

Mecanismos de ampliação do léxico

O léxico de uma língua é como uma galáxia, vive em expansão permanente por incorporar as experiências pessoais da comunidade que a fala.

A língua é constituída fundamentalmente por duas classes de palavras:

- as que representam o universo extralinguístico, nomeando as coisas, as qualidades e os processos, constituindo seu léxico; são lexemas ou palavras de significação externa, classe aberta, sempre em expansão, da qual fazem parte o verbo, o adjetivo, o substantivo e o advérbio nominal. Palavras com forte componente semântico, é esta a classe que enriquece continuamente, relacionando-se com as mudanças do mundo exterior;
- as que funcionam apenas dentro do sistema linguístico. São as palavras de significação interna ou morfemas gramaticais, chamadas *palavras ferramentas*, *palavras instrumentais*, responsáveis que são pela organização e estruturação interna das línguas.

As línguas são conservadoras quanto aos morfemas gramaticais, raramente surgindo nelas um neologismo. Cons-

tituem, pois, estes, uma classe fechada e a ela pertencem o artigo, a preposição e o pronome relativo.

O advérbio tem esta dificuldade aumentada por tratar-se de uma classe aberta sempre acrescida com novas formações. Assim, o advérbio pronominal é uma classe fechada, enquanto o nominal é enriquecido constantemente com novas formações.

O acervo lexical, nomeando o mundo exterior, reflete a cultura da sociedade à qual serve de meio de expressão. A língua como um sistema entrelaçado com todos os seus componentes ligados, mas um sistema *in fieri* e não um sistema *in esse*. Verifica ele que não só velhas formas desaparecem e surgem no correr da história da língua, como também as relações entre as formas e seus conteúdos estão em constante mudança. Qualquer extensão no significado de uma forma envolve uma redução correspondente no significado das que dela dependem.

Existe, na base das modificações que se processam, uma propriedade dos sistemas linguísticos: a criatividade. Isto permite que um sistema linguístico possa ser o veículo de novas representações que vão continuamente surgindo.

O léxico vai sendo enriquecido com formas novas, a maioria calcada em palavras previamente existentes, e que, dentro de uma abordagem gerativista, fazem parte da competência do falante nativo.

Os termos novos, como resultante da criatividade linguística, são também consequência da criatividade humana nos outros campos. Os neologismos criados no setor artístico, científico e tecnológico têm o objetivo de oferecer novos

conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana.

Coseriu (1979, p. 57) chega à seguinte conclusão sobre a criação de novos termos:

Uma inovação, deixando-se de lado as possíveis, mas muito raras, criações ex-nihilo, pode ser:

- a) Alteração de um modelo tradicional.*
- b) Seleção entre variantes e modos isofuncionais existentes na língua.*
- c) Criação sistemática (invenção de formas de acordo com as possibilidades do sistema).*
- d) Economia funcional (negligência de distinções supérfluas no discurso).*
- e) Empréstimos de outra língua (que pode ser total ou parcial e em relação a seu modelo pode implicar também alteração). Talvez outros tipos possam ser estabelecidos. A tipologia da inovação interessa na investigação dos modos em que o falar supera a língua constituída. Toda mudança é originalmente uma adoção.*

A ampliação do léxico, pelo empréstimo, é resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação e tem, como um determinante, fins culturais, estéticos e funcionais.

Resumindo, toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, que resultam em dois processos:

- o processo de criação dentro da própria língua;

- o processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira.

O primeiro processo, a criação lexical, divide-se em dois grandes grupos: inovação na forma ou neologismo formal, mudança no significado ou neologismo semântico. Na inovação ou criação formal podem ser usados os processos de composição ou derivação — processos herdados do latim —, mas também esta criação poderá advir de uma sigla — *TV, IR, CPMF* —, de uma gíria — *manerar, paquerar, ficar* —, de uma onomatopeia — *clique, bipe* —, de uma redução — *loto, moto, foto, refri, hórti, fone, apê*.

Interessa, no momento, ao estudo que fazemos, o segundo processo de ampliação lexical: a adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira, isto é, o empréstimo.

Abordagem sociolinguística

As atividades humanas e as mudanças sociais provocam o surgimento de novos lexemas, o deslizamento e a consequente mudança de sentido.

Por isso, os problemas de mudança não podem ser vistos unicamente segundo o ponto de vista do código. A Sociolinguística procura examinar as relações que se instituem entre as estruturas sociais e o funcionamento do código linguístico e aí localizar a fonte das mutações. A palavra *mordomia*, por exemplo, teve uma enorme mudança de sentido cujas causas não foram linguísticas e sim políticas.

Com a Sociolinguística, a linguagem passa assim a ser concebida como criação ligada diretamente ao falante que a usa, no meio social em que vive. Esta faculdade que o homem possui é dinâmica e se constitui por um organismo gerador (onomasiológico) e um interpretador (semasiológico).

Ao nomear algo, o ato de nomeação vai se efetivar através de seleção de uso (regras e termos). Isto conduz a alterações na língua, reflexos de alterações sociais, percebidas pelos falantes.

Este é o caso de arcaísmos, palavras que caem em desuso porque a situação ou objeto, por eles designados, desaparecem.

Os fatos sociais não são extraindividuais, mas interindividuais, e a língua como fato social é, também, interindividual. Cada língua, através de associações ou campos associativos, concretiza uma maneira peculiar de ver o mundo. Esse léxico é constituído de palavras que não são signos isolados, mas elementos no interior de um sistema como sujeitos a uma escala de valores. Partindo do estudo do léxico pode-se explicar a vida de uma sociedade.

Matoré (1953), pesquisador francês do século passado, procurou estudar em um determinado momento a vida política e social de seu povo, o jornalismo, as artes e os desportos, e fez o levantamento das palavras-chave e palavras-testemunho, considerando as primeiras como as que exprimem, numa sociedade, uma ideia, um ser, um sentimento que a sociedade reconhece como modelo, e as segundas, elementos em função dos quais se hierarquiza e se coordena a estrutura da comunidade.

A identificação destas palavras permite o reconhecimento de saberes e áreas prevalentes das sociedades. A ampliação do vocabulário da economia e a criação e a multiplicação do vocabulário da informática é uma das provas da tese de Matorré.

A partir da frequência de usos das palavras é fácil detectar qual a língua que influencia mais fortemente a língua portuguesa e mais ainda qual a maior influência na economia e na tecnologia nacional: é o testemunho e a prova insofismável do domínio cultural. Ela denuncia influências e correntes ideológicas mais do que se possa pensar. Com isto chega-se ao ponto-chave da questão do empréstimo linguístico, a forma mais produtiva de renovação lexical na língua portuguesa, em sua vertente brasileira. Esta renovação é parte da mutabilidade própria das línguas humanas, que as caracteriza como um sistema *in fieri*, mas traz em seu bojo, como causa principal, o fenómeno da **globalização**, iniciada no século XX e acelerada no XXI.

Mudanças linguísticas

A língua se faz mediante mudanças que são manifestações de criatividade na linguagem. Mas estudar mudanças não consiste apenas em estudar alterações e desvios.

As necessidades expressivas se renovam, porque o homem não pensa e diz aquilo que se pensou e disse antes. Como a língua não é um produto pronto e acabado, ela se refaz continuamente e se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua.

A mudança começa a se desenvolver como deslocamento de uma norma. Ela se modifica, sobretudo onde o sistema não corresponde às necessidades expressivas e comunicativas dos falantes. Só conseguimos comprovar uma mudança quando adotada por vários falantes, salvo raros casos. É quase sempre impossível descobrir quem e quando iniciou uma inovação ou adotou um termo.

Segundo Martinet (1964, p. 130), “les langues changent parce qu’elles fonctionnent” (as línguas mudam, porque funcionam), assim, as mudanças linguísticas não são feitas com lógica e por este motivo elas não são um painel monótono, mas cheio de coloridas surpresas.

Muitos contribuem para o seu enriquecimento com inovações que se tornam um bem para a comunidade.

Nem todas as inovações são aceitas porque a adoção é uma seleção e a comunidade normalmente aceita aquilo que é funcional, correspondendo a uma necessidade.

Este aspecto interessa no caso do empréstimo, porque esta adoção do termo estrangeiro, como é fundamentalmente uma seleção, se adapta às circunstâncias do momento. Dentro desta mutabilidade, os empréstimos podem entrar e sair de uso, caso se tornem desnecessários ou motivem a formação de termo vernáculo para substituí-lo. Exemplar é o caso da terminologia do futebol: *goal keeper* — goleiro, *back* — zagueiro, *penalty* — penalidade máxima, *corner* — escanteio e muitos outros.

Também se pode observar que, ao transitar de uma língua para outra, o termo quase nunca conserva a sua acepção inicial. Acrescenta outras conotações às suas de origem e

por vezes subverte o significado, como no caso de *garçõete* (inexistente no francês). *Pagode*, no Extremo Oriente, era *templo*, em português ficou sendo *pândega*, *brincadeira* e por fim um estilo musical. Isto porque mesmo que as significações de uma palavra procedam de seus usos passados, elas se modificam e se adaptam aos novos fatos permanentemente, apesar de os falantes não perceberem e crerem ser a língua uma realidade estática.

A língua move-se ao longo do tempo numa corrente que ela própria constrói em seu curso. Nada é estático. Todas as palavras, elementos gramaticais, locuções, sons e acentos são configurações que mudam lentamente, moldados pelo curso impessoal e invisível da vida da língua. Este eterno vir-a-ser produz alterações semânticas que ampliam o léxico. Há causas históricas que podem ser determinadas. *Greve*, paralisação voluntária do trabalho, recebeu o nome da Praça de *Greves*, onde se reuniam os que protestavam contra as condições de trabalho. Em português temos, por exemplo, *pão-duro*: um sujeito avarento que morava no Rio de Janeiro e se alimentava de pão duro para guardar dinheiro; *chaleira*: aqueles que iam servir chimarrão a Vargas, solícitos, servis; *lobby*: grupo de pressão, motivado pelo local onde se reuniam os homens influentes; *combogó*: tijolo vazado que tomou o nome da firma Coimbra, Boeckman e Góes, que os fabricava e os patenteou em Recife.

Como sempre, necessidades novas são as causas mais frequentes para iniciar-se uma alteração semântica.

Termos gregos e latinos têm seu campo semântico ampliado para servir à nomenclatura técnica: televisão, telefone,

torpedo, satélite, vídeo. Átomo significava em grego o que não pode ser dividido, conceito que se torna incompatível com o seu uso nas ciências atuais (fissão e desintegração).

Inúmeras lexias surgem (*asa delta, busca automática, secretária eletrônica, telefone celular*), buscando na própria língua ou numa nomenclatura internacional a maneira de nomear inventos e incorporando novos conceitos à cultura existente.

Campos de significação

O acervo lexical de uma língua reflete as experiências do povo que a fala. Para Bidermam (2001), o universo semântico (dos significados dos termos) se estrutura em torno de dois polos opostos — o indivíduo e a sociedade — e da tensão entre eles se origina o léxico. Como cada falante faz seu aprendizado particular do léxico geral da língua, cada qual tem seu léxico próprio de acordo com as suas necessidades vitais. Nenhum falante domina o léxico da língua integralmente.

O léxico da língua portuguesa registrado em dicionários mais recentes oscila entre 120 000 e 150 000 verbetes, enquanto que o léxico de um usuário da língua médio seria em torno de 5 000 vocábulos e um usuário excepcional em torno de 8 000 vocábulos. Desta forma pode-se constatar que a aprendizagem do léxico tem que ser permanente e ininterrupta.

Esta aprendizagem se dá pelo registro organizado dos termos. Uma das formas de estudar a organização dos termos

de uma língua realiza-se pelo estudo dos campos associativos quanto ao sentido e forma e quanto à origem pela família etimológica.

O sistema lexical é a soma de experiências da sociedade e de sua cultura.

Existem tipos diferentes de léxico de acordo com a situação social, idade e instrução de cada falante. Assim o léxico é um processo contínuo de aquisição através de vocabulário ativo (de uso) e passivo (de compreensão). Cada comunidade realiza categorização das experiências de vida através dos lexemas. A memória registra de maneira ordenada este sistema lexical: por meio dos antônimos, homônimos, parônimos, sinônimos e através da etimologia.

Saussure denominou de “constelação associativa” as formas de agrupar os termos que representem algo em comum. Traduzindo o que ele descreveu, temos:

Origem	Significado	Formação (sufixal)	Fonética
Ensinar Ensino Ensinarmento	Aprender Educar Escola	Medicamento Ajuntamento Alisamento Juramento	Tento Sento Vento Lamento

Os linguistas que se seguiram a Saussure adotaram nomenclaturas diferentes para estudar a organização do léxico. A noção de campos associativos foi introduzida com a ideia de que os conceitos cobrem todo o campo do real, sem deixar vazios e sem se sobrepor. Por exemplo: campo da Arte, Filosofia etc. Alguns autores, como Vanoye (1981),

resolveram denominar a forma de estruturação do léxico de *campos semânticos*, reunindo duas noções:

- o campo semântico da *palavra*, que engloba todos os sentidos e conotações da palavra e se situa do lado do receptor; quando ouvimos o termo *gato*, devemos identificar seu sentido exato, conhecendo todos que a palavra pode ter;
- campo semântico da *noção*, que engloba todos os termos a ela ligados. Este se situa do ponto de vista do emissor, pois deverá escolher palavras ligadas à noção a que se referir. Por exemplo: ao falar sobre um livro que foi lançado no mercado escolhemos a palavra que melhor exprime o fato: novo, recente, recém-lançado, novidade etc.

Vanoye (1981) denomina o primeiro, campo semântico, e o segundo, campo lexical.

Garcia (1980) denomina o primeiro, campo associativo ou constelação semântica e o segundo, família ideológica. Além disso, refere-se às famílias etimológicas — palavras ligadas entre si pela origem comum: *locutor*, *locução*, *loquaz*, *locutório*.

Adotamos o critério de Mattoso Câmara (1989) por coadunar-se com as finalidades que pretendemos. Mattoso considera *campos semânticos*, associações de significado para um certo número de lexemas, como para cor, partes do corpo, mamíferos, vegetais e muitos outros. Alguns destes campos semânticos são básicos e seu léxico representa as palavras fundamentais da língua. Neles é difícil o aparecimento de

um empréstimo recente, pois se referem às atividades, conhecimentos e relações humanas primárias. São cinco os campos semânticos fundamentais: *o mundo físico, as partes do corpo humano, o parentesco, a passagem do tempo e as condições climáticas*.

As contribuições por empréstimos da língua portuguesa que surgiram nestes campos foram na fase inicial da língua — a proto-história. São exemplos disso: *arroio* (ibérico), *penha* (castelhano) *praia* (provençal) e *golfo* (ibérico), do mundo físico. No campo semântico do corpo humano, *caveira* e *barriga*, ambos do castelhano; *atmosfera* (grego), *neblina* (castelhano) e *brisa* (origem incerta) no campo semântico de condições climáticas.

Família lexical ou ainda família etimológica são palavras cognatas em consequência de uma raiz (étimo) comum. Por exemplo: *cantar, cantor, cantoria, cantata, canto, cantiga*. Nestes, o empréstimo, adaptando-se inteiramente ao português, torna-se produtivo utilizando processos de derivação por sufixação ou prefixação:

- *rock* — roqueiro, pré-*rock*;
- *xerox* — xerocar, xerografar, xerocopiar;
- *stress* — estresse, estressar, estressado, estressante;
- *doping* — anti-*doping*.